

**A NOOSFERA COMO ARQUIVO DE CULTURA: O REPASSE CULTURAL  
ANALÓGICO COEXISTINDO COM A LÓGICA DIGITAL NA COMUNICAÇÃO  
THE NOOSPHERE AS A CULTURE FILE: THE ANALOGIC CULTURAL  
REVIEW COEXISTING WITH THE DIGITAL LOGIC IN COMMUNICATION**

*André Luis Nakamura<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo versa sobre a noosfera, arquivo imaterial de cultura, e a informática como potencial transformadora na lógica desse sistema. A comunicação interpessoal opera como fio condutor na formação do ambiente de cultura constituído e constituinte de imagens endógenas e exógenas imbricadas ao pensamento linear e/ou analógico. Observa-se na linguagem interna, interpessoal, escrita ou inscrita um recurso estruturante ao pensamento, sociedade e cultura oferecendo sentido aos vínculos. Os produtos imaginativos desse sistema habitariam a noosfera constituindo um arquivo imaterial da humanidade, e estando presentes tanto na intencionalidade universal quanto em um de seus corolários: a comunicação digital em rede. Infere-se que a informática ao derivar do pensamento analógico eclode como potencialidade de uma noosfera precedente à lógica binária, ou hierarquicamente dependente. Indaga-se sobre as inerentes transformações desse sistema e dos vínculos quando um de seus elementos adota relativa autonomia na produção de sentidos, rompendo os limites entre o limiar e seu precedente. A crítica recai sobre a desconstrução de um sistema ancestral – a noosfera pelo pensamento analógico -, em prol de sínteses informatizadas que se constituem mais eficazes na mediação comunicacional.

**Palavras-Chave:** Noosfera Comunicação. Informatização. Transformação. Vínculos.

**Abstract:** This article is about noosphere, immaterial file culture, and the information technology as a potential transformer in the logic of this system. The interpersonal communication is the leitmotiv in the formation of the consisting and constituent culture of endogenous and exogenous images in the linear and/or analog thinking. It is observed in the internal, interpersonal, written or entered language a structural feature to the thought, society and culture, offering direction to the links. The imaginative products of this system would inhabit the noosphere constituting an immaterial file of humanity, being present in both the universal intentionality as well as in one of its corollaries: the digital communication network. It is inferred that the information to be derived from the analogical thinking breaks out as a potentiality of a noosphere that is previous to the binary logic, or dependent hierarchically. The question is about the inherent transformations of this system and its connections when one of its elements adopts relative autonomy in the production of meaning, breaking the boundaries between the threshold and its predecessor. The criticism is about the deconstruction of an ancestral system - the noosphere by analogical thinking – in favor of computerized summaries that are more effective in communication mediation.

**Keywords:** Noosphere. Communication. Informatization. Transformation. Linkages.

1 Doutorando em comunicação e semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, membro do Mediatel PUC-SP. [andre.nakamura@outlook.com](mailto:andre.nakamura@outlook.com)

## Introdução

A cultura como uma síntese na múltipla troca social e resultante da convergência entre imaginação e imaginário remete ao ambiente imaterial que mantém o ciclo do processo civilizador<sup>2</sup>. Versamos sobre transformações prescritas a este pela inserção da lógica binária<sup>3</sup> nos argumentos internos das imagens endógenas<sup>4</sup>. Os vínculos interretroagem em rede multiplicando e transformando hábitos que resultam em particulares elementos e produtos, tanto sociais quanto tecnológicos<sup>5</sup>, orientados por diálogos internos. Entre os recursos que utilizamos para construir e/ou constituir sentidos, há dados impressos e/ou inscritos em suportes estáticos e presentes em um longo período da civilização. A compreensão e compartilhamento desse material conduziu o homem a conhecimentos e recursos vitais para o desenvolvimento dos computadores, resultando também na era da informação em rede binária.

Dados binários tem permitido a transformação de um tecido social dividido entre a lógica analógica e a digital. Nesse ambiente o pensamento criativo produtor de imagens encontra uma ferramenta orientada na reprodução imagética por meio de dados, delegando para uma máquina a construção de possibilidades observáveis, que antes eram um privilégio do pensamento, pela soma de experiências individuais e subjetivas, orientadas por trocas humanas e indissociáveis de cada indivíduo sincronizado com a noosfera<sup>6</sup>.

2 ELIAS, Norbert, 2011. A obra aborda o surgimento súbito de línguas imbricado à mudança de costumes de um povo. Depreende-se que códigos, como os digitais binários – como linguagem - possam ser potenciais transformadores de hábitos e conseqüentemente da lógica nos vínculos e das suas experiências acumuladas e adaptadas entre ambientes físicos de socialização.

3 A tecnologia cerne da comunicação em rede e/ou coluna cervical na era da informação (CASTELLS, 2010) é estruturada tecnicamente pela lógica binária.

4 Busca-se em diversas obras de Baitello Jr. (vide referências bibliográficas) a compreensão sobre a estrutura e os desdobramentos sociais orientados pelas imagens interiores e exteriores.

5 O pensamento sobre uma tecnologia “ecológica”, orientada ao desenvolvimento de múltiplas tarefas pertinentes à manutenção das estruturas de reprodução cultural.

6 CHARDIN, Teilhard de, (1881~1955). Compreende-se como o ambiente comunicacional – sendo a comunicação recurso do pensamento na organização das ideias, experiências e sínteses - estruturado em

Questiona-se uma sociedade imbricando a sua lógica de comunicação entre os ambientes analógicos e digitais, incorporando os padrões<sup>7</sup> pertinentes aos códigos binários – sínteses normativas entre a solicitação do dado e a sua entrega. E, ao assimilar tais fundamentos, transformando processos inerentes à lógica dos vínculos, tais como: pertencimento, cumplicidade, ajuste, transformação compartilhada, sincronização gestual<sup>8</sup> e demais elementos encadeados ao processo da formação e execução das imagens endógenas.

Na busca por entendimento recorre-se a teses de autores das ciências sociais aplicadas que conduzem pensar a noosfera como um ambiente produtor de sentidos da comunicação. Indaga-se se a sua dinâmica pode ser transformada por um elemento derivado que se reproduz em uma lógica relativamente nova ao pensamento criativo.

Observa-se em SODRÉ, abaixo citado, uma menção à experiência de Emmanuel Kant onde recursos imaginativos produzem imagens endógenas por meio de informações exógenas:

Conta-se também que o filósofo alemão conhecia a cidade de Londres tão bem ou mais do que qualquer de seus habitantes. A diferença é que ele jamais esteve na capital inglesa (na verdade, jamais saiu de Koenigsberg, sua cidade natal). (SODRÉ, 2002: 119).

A experiência acima mencionada ilustra as viagens nunca feitas<sup>9</sup>, mas que produziam lembranças e sensações inerentes à experiência material. Aborda-se a

mitos, informações, experiências, pensamentos, trocas e simbolismos na produção de cultura.

7 Atalhos lógicos isentos de uma construção analógica subordinada ao entendimento.

8 Para apontar tais processos ampara-se em autores como: Simmel, Elias, Sodré e Baitello Jr. e demais elementos encadeados ao processo da formação e execução das imagens endógenas.

9 Fruto da capacidade imaginativa de Kant. Consideramos tais estruturas os aparatos tecnológicos requisitados pela mídia terciária que se inserem por meio de lógicas proprietárias no ambiente comunicacional subordinando a mensagem à sua decodificação.

ruptura da realidade empírico espacial em detrimento da “idealidade transcendental”, pensando o conceito do experimentado. O campo das possibilidades por Kant exploradas é possível graças aos arquivos de cultura impressos na mídia secundária (mapas, ilustrações e relatos) como base para formulação mental de todas as imagens visuais, táteis, olfativas e auditivas. Nota-se a propriedade da mídia secundária em arquivar dados e disponibilizá-los ao receptor sem que esse necessite recorrer a tecnologias e/ou técnicas alheias ao suporte da mídia primária. Essa característica emancipa o ambiente de troca comunicacional de estruturas mediadoras isentas de vínculo entre a informação e seu destino<sup>10</sup>.

Ao discorrer sobre a experiência de Kant surgem como debate as questões do virtual, real e atual como crítica acerca do raciocinar da consciência. O aprendizado e as ações cotidianas estariam subordinados ao inconsciente e emancipados do raciocínio e do estar cômico.

Propõe-se um embate entre o pensamento sobre a noosfera intrincada à cultura e sua transformação pelo ambiente comunicacional em rede cibernética<sup>11</sup>.

## **O arquivo imaterial de cultura e os vínculos**

Para fundamentar o pensamento sobre o arquivo imaterial da cultura apresenta-se uma citação e a sua interpretação à luz de referenciais:

Há muito Durkheim e nós ensinamos que não pode haver comunhão e comunicação entre homens a não ser por símbolos, por signos comuns, permanentes, exteriores aos estados mentais individuais que são

10 Consideramos tais estruturas os aparatos tecnológicos requisitados pela mídia terciária que se inserem por meio de lógicas proprietárias no ambiente comunicacional subordinando a mensagem à sua decodificação.

11 WEINER, Norbert. Busca-se no autor o pensamento sobre ruptura na linearidade lógica do entendimento e do conhecimento. Designa-se ao termo ‘cibernética’, um viés na captura de informações que estruturariam uma sequência lógica e analógica contextualizada em prol de sintetizações relativamente emancipadas da conjuntura.

simplesmente sucessivos por signos de grupos de estados tomados a seguir por realidades. Chegamos até a supor por que eles se impõem: é porque, em troca pela visão e pela audição, pelo fato de ouvir o grito, de sentir e ver os gestos dos outros simultaneamente aos nossos, os tomamos por verdades. Há muito pensamos que uma das características do fato social é precisamente o seu aspecto simbólico. Na maioria das representações coletivas, não se trata de uma representação única de uma coisa única, mas de uma representação escolhida arbitrariamente, para significar outra e para comandar práticas. (MAUSS, Marcel, 2011:328).

O universo simbólico orientador dos questionamentos internos, demandados para os vínculos, se organiza pela representação dos signos e símbolos que o cerca e o habita. Para o entendimento destes, há filtros arbitrários determinando o sentido e/ou significado a eles atribuídos. Tais atribuições residem no ambiente<sup>12</sup> de trocas externas que, por interpretação, experimentação, observação e comparação, comungam em grupos sociais de diversos tamanhos e magnitudes um sentido representativo que fará significar em consenso as convenções para gestos, ações e introspecções a cada meio cultural. Percebe-se um mecanismo de organização que opera segundo uma “intenção” e não unicamente por seleção inconsciente. Dentro desse universo se executa a “reverberação mental”<sup>13</sup>, que de forma mítica multiplica tais ações em níveis infinitos. A partir do momento que o ambiente simbólico se consolida<sup>14</sup> em uma sociedade, a sua essência e/ou representação passa a habitar gestos e reações, e não mais o pensamento racional, atuando com autonomia relativamente isenta de ressignificações. Em outro ponto, no raciocínio digital, temos mudanças e modificações no entendimento coletivo que não seguem uma analogia nos processos de significação. Há uma ruptura nas lógicas de representações simbólicas sem um processo de passagem ou elemento diretamente vinculado aos grupos afetados, e são engendrados em acontecimentos sociais diversos por um

12 Consideramos o ambiente orientado pelo espaço físico e o tempo linear.

13 Termo encontrado na obra de MAUSS, Marcel, 2011, que indica como pensamentos adotam o sentido similar aos das imagens míticas que representam o infinito.

14 Nesse ponto é primordial compreender que essa adesão é resultante de tempo e do potencial no advento em se propagar tanto pelo espaço físico quanto mental. O tempo decorrente entre a informação produzida e o hábito reproduzido, assim como a superação territorial agem com um filtro seletor.

eco cultural. Kumar<sup>15</sup> apresenta cenários que transformaram o mundo nos seus hábitos e estruturas em curto período de tempo, em torno de dois anos. O autor enfatiza que não apenas a guerra, mas outras questões, entre elas a comunicação mediada por computadores, têm potencial transformador de curto prazo.

Não há arquivos materiais unificados sobre procedimentos e respostas sociais pertinentes a cada grupo ou circunstância. Ainda que a ética e a moral tenham produzido arquivos e textos para leis e convenções do bom convívio e das boas maneiras, a interpretação e resposta imediata ao meio social são intrínsecos às imagens endógenas particulares e significadas pela arbitrariedade coletiva. Assim versa o pensamento que problematiza a combinação da lógica analógica humana permeada pela interação social mediatizada em uma lógica digital binária.

### **A informação como “código fechado”**

Sodré cita o computador, inexistente na temporalidade de Kant, como elemento que aprimoraria a experiência de se formular imagens internas, passando do status de “realidade ausente” para o de uma “realidade virtual”. Para tal explanação ele se ampara no pensamento de serem as imagens geradas por um computador realísticas ao ponto de aproximarem-se a quase realidade, aumentando a impressão do real pelo indivíduo.

As inflexões sobre a expansão das sensações e/ou saber atribuídos para um computador podem confundir o pensamento sobre cultura, caso venham a se tornar um processo endêmico. Podemos recorrer a Lyotard para ilustrar tal pensamento.

O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo o seu próprio fim; perde o seu “valor de uso”. (LYOTARD, 2013:5, grifos do autor).

15 KUMAR, Krishan. Da Sociedade Pós-industrial à Pós-moderna, Jorge Zahar Editor, 2006.

A era da informação (CASTELLS, 2010) correlata ao conceito de pós-modernidade, apresenta a característica da oferta de dados sintetizados. É possível alcançar o pensamento final sobre questionamentos sem que haja a necessidade de uma jornada pela rede de entendimentos que atribuam o sentido e/ou significado para tal. Um exemplo são os motores de busca disponíveis na rede mundial de computadores: digita-se um termo e inúmeras considerações e até afirmações podem ser apreciadas. A possibilidade de respostas aos seus questionamentos sem a necessidade de trocas interpessoais, vivência e/ou acesso à literatura complementar, sujeita o indivíduo a uma crença. Kumar também lança críticas, fundamentadas em dados de pesquisas, acerca do imperativo informacional. Aqueles com maior poder econômico, mais do que nunca, são detentores da capacidade de expansão de seus ideais, pensamentos e mesmo ideologias. Sem mergulhar em uma crítica ingênua, o debate também aponta a violência contra aqueles que não permitem sucumbir à lógica do “código fechado” do conhecimento, grupo preenchido na polarização entre os socialmente excluídos aos cientistas. Essa lógica de tal dinâmica nos impele a afirmar que uma cultura tende a sucumbir na sutileza de suas nuances quando a história pode ser promovida com paridade no poder (BENJAMIN, Walter).

Avançando entre tal lógica nos deparamos com um ambiente onde há possibilidade de que parte das trocas culturais e/ou de conhecimento interpessoais oriente-se por dados já compilados e fechados em uma lógica sintetizada. Ignorar a dinâmica dos indivíduos em trocarem “experiências” apenas conhecidas e reconhecidas a ambos, pelo modelo de pacotes de dados observados no ciberespaço, pode apontar para um ambiente onde a reprodução cultural recebe direta influência do modelo de negócio informacional. Nesse meio, as empresas<sup>16</sup>

16 O embate não pretende apontar um conflito de classes. A lógica é de que um sistema de informação demandado e demandante de poderio financeiro opera por meio de lucro e benefícios. Em meio a tal organismo a possibilidade de informações serem suprimidas ou amplificadas com base no interesse de colaboradores diretos não pode ser ignorada.

com potencial poder de concentrar dados podem difundir pensamentos incompletos e/ou reservados em limitadas experiências<sup>17</sup> de validação, assim como um entendimento normativo acerca da credibilidade aos dados binários pode, em certos grupos, causar uma lógica análoga para interpretar eventos distintos e enviesar resoluções sociais. Pode-se exemplificar melhor essa síntese com o texto a seguir:

O problema então é exposto: os aparelhos que otimizam as performances do corpo humano visando administrar a prova exigem um suplemento de despesa. Portanto, nada de prova e de verificação de enunciados, e nada de verdade, sem dinheiro. Os jogos de linguagem científica vão tornar-se jogos de ricos, onde os mais ricos têm mais chances de ter razão. Traça-se uma equação entre riqueza, eficiência, verdade. (LYOTARD, 2013:81).

Fica claro que enquanto o potencial em eleger discursos e validar métodos atinge com maior direcionamento a produção material (Modernidade), temos um ambiente onde a disputa de classes forma a linha de defesa entre a cultura significada nos meios sociais e os produtos culturais, orientados a validar hábitos e interesses instalados em grupos enfocados objetivamente nas suas próprias demandas, uma colonização. Ao ingressarmos no que alguns chamam de pós-modernidade e/ou era da informação, a conjuntura pertinente aos vínculos passa a assimilar a mesma lógica que operava em prol da produção material. Entretanto, sob outro discurso, é assimilada como uma democrática transformação nos hábitos cotidianos. Não se discutem os inúmeros e indispensáveis benefícios da informatização do cotidiano. O que se questiona é o quanto tal mudança tem potencial em inserir em um arquivo coletivo e imaterial da síntese cultural, a lógica organizadora dos interesses de grupos detentores das tecnologias estruturantes do ciberespaço.

17 A crítica recorre ao teor da obra de Lyotard para considerar que a inclusão, até de cientistas, é pressionada para o ambiente em rede. E de lá o produto de suas pesquisas pode ou não chegar ao conhecimento comum, visto que populações, cada dia mais, parametrizam a veracidade de uma experiência à sua existência na rede.

## O encontro entre Cultura e Cibercultura

As imagens endógenas precedentes à lógica digital são elementos indissociáveis e análogos do ser, arquivando as suas instâncias no espaço/tempo. Infere-se que o modo de significação<sup>18</sup> das imagens exógenas, ainda que imaginárias, interdependem muito mais da subjetividade pessoal<sup>19</sup> do que aos meios pelos quais elas chegam aos sentidos do processo imaginativo. Todavia, a reprodução técnica da mídia articula um processo pelo qual o sujeito incorpora seus códigos como se esses fossem a sua própria pele: uma Iconofagia<sup>20</sup>. Nota-se o pensamento sobre uma realidade “ampliada” pelo dispositivo, conferindo a ideia da produção de um ambiente imaginativo, ao qual o sujeito suprime as imagens sensoriais relativas às nuances de sua subjetividade, passando a endossar as formas amplificadas e organizadas no computador. Já não é mais o homem que se insere em um cenário no qual ele passeia e descobre uma cidade possível em sua mente. Este passa a ser apenas um coadjuvante em um ambiente que foi sistematizado e fechado em uma técnica que faz a menção à criatividade subjetiva soar dissonante e/ou incoerente com a “realidade” apresentada.

Não me refiro aqui às imagens interiores, mas às imagens em sua materialidade de mídia secundária, que exigem o tempo lento da leitura e da decifração. Este tempo é necessário para o confronto e o diálogo com as nossas imagens interiores. Nesse diálogo é que nós nos espelhamos, nos enriquecemos, bebemos, vivemos e multiplicamos o nosso espaço comunicativo. É com esse diálogo que nós aprendemos a ver, a nos ver e a

- 18 Para não dispersar em conceitos diversos do termo, considerar que é atribuído para ‘significação’ o mecanismo mental pelo qual, por meio do ambiente de cultura, o sujeito atribui sentido e hierarquia ao que se observa, tendo como resultado, no caso da imaginação, a produção de cenas e cenários mentais aos quais ele é o autor e ator e seu interlocutor na produção desse objeto.
- 19 Esta recebe influência do meio cultural e de seus “discursos”. Teoricamente seu filtro é alterado por imposições socioculturais, entre elas a informatização.
- 20 Norval Baitello Jr. A imagem passa a devorar o homem. Apropria-se, em parte, da sua subjetividade e do seu imaginário.

ver o mundo (BAITELLO Jr., 2005:35).

Para colocar uma fronteira entre o tópico abordado e o que segue, faz-se necessário buscar entendimento pelo pensamento de Baitello Jr. e reiterar o contrassenso sobre o citado potencial de um computador em rede ampliar e/ou expandir a “sensação” de presença. O tempo da contemplação inerente à vivência confere ao observador/decifrador um intervalo temporal no qual ele irá imaginar elementos ocultos no suporte “estático”. Esses formam as pontes estruturantes do mecanismo que capacitará na tomada de decisões e/ou formulação de enunciados e postulados de cultura. Uma simulação que apresente, ou não, superações físicas antes possíveis apenas na imaginação e que pode cooptar para a máquina o ensaio lúdico do pensamento criativo, assume ou não a formulação definitivas possibilidades que superam limitações na instância sociocultural, sendo esta uma substância da criatividade.

O ambiente cibernético, precisamente em pesquisas por ambientes digitais, estrutura-se em atalhos entre o experimentado e seu fruto, diferenciando-se do método analógico que exige o empenho em uma sequência de dados até que se atinja sua síntese numa busca organizada, produtora de cultura e significados pertinentes à noosfera. Ou seja, a mente analógica ao compilar dados e significá-los em paridade com as suas imagens endógenas (conscientes e/ou inconscientes) com foco informacional e tendo como objetivo, pela soma dos elementos, um denominador e/ou resultado esperado e/ou objetivado, acaba por eclodir, por vezes, sínteses não objetivadas – lampejos de consciência – que só foram possíveis pelo encadeamento de dados com a mente analógica. Isto é a criatividade produtora de invenções<sup>21</sup>, característica humana incompatível à lógica binária pura.

21 Sínteses não elementares ou objetivadas pela inicial observação de um conjunto de dados. Não seria a paixão pela informática apenas o vislumbrar das possibilidades nela inscritas, mas observar e manipular no mecanismo criado a sofisticação “automática” de nossa mente, como um espelho.

## A Cultura, uma questão da consciência

A consciência não é o agrupamento de todas as funções psíquicas reativas em um determinado momento e causa. Seríamos orientados pelo inconsciente e os processos mentais radicariam nos “dados” contidos na memória (mecanismos perceptivos, hábitos adquiridos, repetições de caráter e predisposições de habilidades), as sínteses autônomas do sistema nervoso (SODRÉ, 2002).

A consciência é como uma operação informacional que empresta parte de “sua engenharia” no desenvolvimento do processador de dados de um computador<sup>22</sup>.

A mente subconsciente se orienta por metáforas do inconsciente recorrendo às imagens endógenas associadas ao seu ambiente de cultura e firma pontes que conduzem ao “estado de consciência” para uma narrativa que desencadeará a ação.

Infere-se que a ideia de corpo como mídia primária (PROSS, Harry) confere ao homem a potencial metáfora de um arquivo vivo da cultura. Todo ambiente de comunicação conecta-se em uma rede ativa de trocas orientadas pela mente. Estaríamos traduzindo tais informações em metáforas para convertermos em consciência, escolhas e criatividade. Nosso processo de transformação cultural habitaria o nível inconsciente, todavia significado pela linguagem<sup>23</sup>. Seria a linguagem um recurso da mente para nos conduzir como sujeitos que acreditam produzir escolhas racionais e ações tanto individuais quanto coletivas. Entretanto seus múltiplos fragmentos nos arquivos da memória – internamente convertidos em imagens endógenas - é que determinariam cada ação.

A comunicação irrompe como um organizador do inconsciente, onde presente, passado e futuro surgem como linguagem estrutural da mente, traçando uma história linear para que haja coerência entre as ações e os arquivos que

22 Não seria a paixão pela informática apenas o vislumbrar das possibilidades nela inscritas, mas observar e manipular no mecanismo criado a sofisticação “automática” de nossa mente, como um espelho.

23 Atribuímos o mesmo sentido para os códigos de computadores: uma linguagem isenta do caráter humano que é orientado por memória vivenciada, compartilhada, acumulada, transmutada e sentida.

oferecem base à sua execução.

## Noosfera Analógica e Cultura Digital

A noosfera pode ser compreendida como uma “nuvem” que abriga e abarca os saberes, os mitos, representações e ideias; uma variedade de repertórios circulantes na vida (CHARDIN), e o cérebro representado como uma máquina a ela interconectado. Assim é sugerida uma analogia sobre o computador a um cérebro cibernético<sup>24</sup>. Essa interação resulta, teoricamente, em uma sincronização. Seria o computador em rede um aparato que proporciona a sensação de pertencimento “coletivo” à noosfera, para uma multidão inconsciente de sua conexão a essa nuvem do conhecimento humano? A rede dos saberes, representações e ideias operando entre sínteses biológicas e tecnológicas?

O resultado no intercâmbio entre o analógico e o digital se apresenta em expansão exponencial<sup>25</sup> por característica própria<sup>26</sup>, e assim como o tempo dos vínculos<sup>27</sup> recebe o ruído de uma sociedade impelida ao ciberespaço.

O gesto sociocultural emerge como uma troca de arquivos encadeados a significados em imagens endógenas orientadas por mitos e arquétipos que são consolidados coletivamente segundo o seu potencial de justificar as narrativas de grupos. O discurso acerca da urgência em trocas de fluxos binários para um perfeito encaixe social confere ao computador uma significação imaginativa de crença, rito. Tais imposições não são resultado de um ajustamento natural às novas tecnologias.

24 Apenas como metáfora o computador é mencionado como um novo cérebro que pode “se conectar” com a noosfera. O autor faz a ressalva acerca da impossibilidade lógica dessa comparação.

25 A propriedade do computador em rede em superar as barreiras espaço-temporais.

26 Eugênio Trivinho – Dromocracia Cibercultural, 2007. O autor apresenta o conceito de aceleração do cotidiano elencada à sua informatização. Tal suporte surge como ferramenta bélica e transporta para o ambiente ao qual está instalada a pressão pela produção e velocidade.

27 Norval Baitello Jr.- O autor trata com profundidade a questão da dinâmica dos vínculos. Entre os diversos elementos da vinculação humana estão o tempo de vida e o tempo do mundo, sendo necessário um “tempo lento” de contemplação para sua organização social e formação ontológica. Precisamos vivenciar os acontecimentos em um tempo de significação.

Elas pertencem ao universo da produção programada de consenso. O uso residencial do computador aperfeiçoa a produção e transfere custos ao colaborador, ao mesmo tempo em que produz consumo e se disfarça de entretenimento e ponte de vínculos (KUMMAR, 2006) e assim como todo produto cultural tem adesão e rejeição. Todavia, aos seus opositores é facultada uma rápida exclusão em múltiplos campos orientados pelo poder, ao passo que a sua inserção ao meio social transforma gradualmente a noosfera, imputando a essa a síntese de dados binários resultantes de estruturas hegemônicas desconexas com as nuances do tecido social.

### **Os riscos de uma tecnologia como rito sem mito**

Não nos dirigimos aqui aos ritos e mitos de uma narrativa Grega, mas emprestamos o termo para ilustrar uma entrega de hábitos orientada na experiência não transformada ou transmutada por meio da seleção arbitrária. As referências apresentadas sobre a informatização excedem o campo de ação de uma ferramenta técnica para condição social. Compreende-se que uma ferramenta tem o potencial de facilitar uma ação e a sua inexistência não agrava a necessidade que a demanda. Em oposto, a informatização pode tanto auxiliar uma demanda, quanto a sua lógica criar obstáculos aos que não assimilam as suas ferramentas. Necessita-se também a compreensão no uso da ferramenta para não agravamento na urgência de demandas sociais. Essa técnica de uso é proprietária e diferenciada do saber obtido por experiências remotas e inscritas na noosfera. Elas têm um custo capital objetivo excluindo indivíduos na velocidade em que se aperfeiçoam, isoladamente. O mesmo ocorre com outras tecnologias, mas que não impõem uma exclusão tão contundente.

O rito no uso da informática mediando a comunicação pode ser percebido, apenas para ilustrar, em pequenos hábitos, como por exemplo: verificar

incansavelmente uma caixa de correio eletrônico sem estar a espera objetiva de uma mensagem. O suporte adota um poder de controle sobre a imaginação do usuário ao ponto de solicitar atenção contínua não pelo conteúdo, mas pela capacidade de transmissão. Não citando Kumar, mas orientando uma inferência por meio de suas teses, pode-se questionar se, assim como todas as outras ferramentas ou processos, a informática requeira certos cuidados quanto à sua utilização, visto que não é possível apontar prejuízos sociais diretamente relacionados ao seu uso em campos para os quais não foi o objetivo primário de seu desenvolvimento, mas que também não se aferem ganhos reais.

### **O virtual binário e o real experimentado**

Ao utilizarmos as palavras ‘real e realidade’ estamos fazendo menção à existência objetiva de algo. Enquanto o uso do termo ‘virtual’ aponta algo com potência de ser, a realidade é compreendida segundo os processos culturais de ontogênese e filogênese. São os valores, costumes, hábitos, impressões e interação do mundo em contato com as sensações, a subjetividade, as imagens endógenas e a “transmutação” individual e típica a cada indivíduo que conferem o ambiente simbólico que representa a realidade. O virtual, como potencia de ser, pode ou não estar em contato direto com os elementos configuradores da realidade. O virtual é resultado de modelos matemáticos produzidos de um ponto de vista técnico e abstrato, com determinado nível de realidade. A conexão direta da realidade com o universo cultural de cada indivíduo conduz a parâmetros, meramente construídos no processo civilizador<sup>28</sup> que são determinantes para significar algo como real ou não.

Para ilustrar a relatividade do real, citamos a hipotética luz irradiada por uma estrela extinta vista por um cidadão e interpretada como a existência de um astro e aceita socialmente como realidade. Por outro lado se o observador for um

28 Nobeit Elias – O Processo Civilizatório. Não podemos deixar de citá-lo quando trazemos à tona a questão de civilização e as suas nuances.

astrônomo em seu meio, afirmar a presença de um astro será considerado uma inverdade. Nossa cultura e linguagem comunicam para o meio, mas não sem antes ter comunicado para nós mesmos. O sentido e o significado empenhados ao objeto determinam o grau de realidade em cada peculiar entendimento de mundo do meio e de si.

A noosfera além de manter coesa a unidade da síntese humana arquiva elementos arcaicos que atribuem sentido em nosso meio comunicacional.

### **Considerações**

Os ganhos e benefícios decorrentes do desenvolvimento da informática e da comunicação em rede não podem ser enumerados, pois não são estáticos nem limitados. Todavia é necessário lançar um olhar para todo curso da história, e o fazemos por meio de nossa cultura. Inscricões e pinturas em cavernas, datadas do período pré-histórico, até hoje nos falam sobre quem fomos e somos. Rituais de tribos isoladas nos ensinam a entender a origem de respostas racionais e inconscientes na nossa relação com o mundo. Todo arquivo da humanidade e do comportamento que precede a civilização pode ser recuperado por meio da arqueologia e demais ciências envoltas com nossa cultura. Chegamos ao desenvolvimento da ciência atômica sem uma direta necessidade de subordinação ao potencial de produção contido na tecnologia por nós mesmo desenvolvida. E o mais claro, dela não se abra mão! Não é a utilização da tecnologia o cerne da crítica, ela deve ser explorada até o limite em que possa ser substituída por sua sucessora. A lógica incorporada pelo seu uso é que deve receber atenção ao ser relativizada aos hábitos de nossa formação ancestral. Entre tais hábitos, a necessidade de velocidade e atualização constantes, seja no fluxo de dados ou em sua natureza, tem o potencial de nos fazer imprimir de forma rasa um período de nossa história que, ironicamente, recebe o reconhecimento de 'era da informação'. Estaríamos

sujeitos a deixar para arquivos imateriais futuros uma compilação pouco vivenciada de experiências transformadoras que nos conduziram ao desenvolvimento atual. Compreendemos que a noosfera não pode ser acelerada no seu processo de arquivamento, seja na ‘inscrição’ (simbólica) ou no resgate inconsciente. Os cursos das trocas sociais têm apresentado uma urgência (TRIVINHO, 2007) que discursa quase como uma volatilidade do personagem social em sua própria presença. Uma das soluções seria a reeducação de nossa linguagem social orientando como não pertinente incorporar a cibercultura em trocas sociais que não demandem velocidade e/ou produção. Embora soe com uma utopia, é necessário pensar em um modelo de entendimento no uso da ferramenta para que ela não nos absorva. Os códigos informatizados se tornam cada dia mais ‘interativos’ gerando déficit apenas por novos códigos facilitadores, onde a “embalagem configura o conteúdo”. Sabemos que um conteúdo pode ser significado de múltiplas formas segundo a sofisticação do software e do hardware que o apresentam. Nada mais evidente no poder de voz das corporações, isoladas do caráter da base social, do que moldar e impelir opções de escolhas, assim como determinar o que será ignorado dentro da nova mediação das trocas comunicacionais humanas, eliminando resistências de classes em um discurso orientado na democratização da informação. E assim se assemelhar como uma “nova modernidade” da produção em reprodução seletiva da informação como produto imaterial amparado pelo “valor de troca”.

**BIBLIOGRAFIA**

**ALTHUSSER**, Louis. Aparelhos Ideológicos do estado. Nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado, Gaal, 1983.

**BAITELLO Jr.**, Norval. A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura. Hacker Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. A era da Iconofagia. Hacker Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. A Mídia antes da máquina. JB Online, Caderno idéias, 1999.

\_\_\_\_\_. O animal que parou os relógios. Editora Annablume, 2009.

**BARBERO**, Jesus Martín. Dos meios as mediações: Comunicação cultura e hegemonia. Editora UFRJ, 2009.

**BARBROOK**, Richard. Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global. Editora Peirópolis, 2009.

**BAUDRILLARD**, Jean. Simulação e Simulacro. Editora Relógio d'água, 1981.

**BAUMAN**, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

**BENJAMIN**, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutividade Técnica. Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie. Editora Cultrix, 1986.

\_\_\_\_\_. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Editora Brasiliense, 1996.

**CAZELOTO**, Edilson. Inclusão Digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo. PUC, 2007 (tese de doutorado).

**CHARDIN**, Teilhard de. O Fenômeno Humano. Editora Cultrix, 1995.

**DEBORD**, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Ebooksbrasil, 2003.

**DURKHEIM**, Émile. A divisão do Trabalho Social. Martins Fontes, 2008.

**ELIAS**, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor,

1994.

\_\_\_\_\_. O Processo Civilizatório. Uma história dos costumes, Jorge Zahar Editor, 1990.

**FLUSSER**, Vilém. A Escrita: Há futuro para a escrita? Editora Annablume, 2010.

**GIDDENS**, Anthony. Modernidade e Identidade. Jorge Zahar, Editor, 2002.

\_\_\_\_\_. Modernização Reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna. Editora Unesp, 2012.

**KUMMAR**, Krishan. Da Sociedade pós-industrial à pós-moderna. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Jorge Zahar Editor, 2006.

**LYOTARD**, Jean François. A Condição pós-moderna. José Olympio Editora, 2013.

**MAFFESOLI**, Michel. O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Forense Universitária, 2006.

**MAUSS**, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

**MARX**, Karl. O Capital – Conrad do Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. O Capital: crítica da Economia Política. Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

**MORIN**, Edgar. Cabeça bem feita. Repensar a forma /reformatar o pensamento. Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. O método. A natureza na Natureza. Publicações Europa-América, 1977.

**PINTO**, Álvaro Vieira. O Conceito de Tecnologia. Contraponto Editora Ltda.,2005.

**POULANTZAS**, Nicos. As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje. Zahar editores, 1975.

**SIMMEL**, Georg. Sociologia. São Paulo, Ática, 1983.

**SODRÉ**, Muniz. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Editora Vozes, 2010.

**TRIVINHO**, Eugênio. Dromocracia cibercultural. Editora Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. Glocal. Visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em

tempo real.

**WIENER**, Norbert. Cibernética e Sociedade. O uso humano dos seres humanos, Editora Cultrix, 1968.